



ANA MIRANDA

// www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br //

O canto do cisne

“A DURA REALIDADE É QUE, AO PERDEREM O PAR, OS CISNES VIVEM ATÉ O FIM DE SEUS DIAS À PROCURA DO AMANTE DESAPARECIDO”

Faz pouco tempo eu soube que a cisne fêmea que mora no lago do palácio do Itamaraty ficou viúva e estavam buscando um novo companheiro para ela. Triste cisne fêmea. Essas aves são monogâmicas, os casais que se formam vivem juntos até a morte, em eterna lua-de-mel, sem jamais trair o amado. Imagino-a tão alva e bonita, com seu pescoço longo, flexível, nadando para lá e para cá, sozinha, desorientada, bicando aquele cimento arquitetônico. A dura realidade é que, ao perderem o par, os cisnes vivem até o fim de seus dias à procura do amante desaparecido. Chegam a reconstruir o ninho várias vezes, seguindo um instinto de que seu parceiro possa retornar.

Consta que, antes de morrer, os cisnes emitem um canto bellissimo. Por isso, quando queremos falar sobre as últimas realizações de um poeta, um artista, um time de futebol, um governo, dizemos que são “o canto do cisne”. Terá alguém assistido à morte do cisne do Itamaraty, que possa nos dizer se é verdade que eles cantam, e que é sublime o seu lamento de despedida? Talvez não passe de uma lenda, e talvez essa lenda venha de um soneto de Camões, que diz:

*O cisne quando sente ser chegada
A hora que põe termo a sua vida
Música com voz alta e mui subida
Levanta pela praia inabitada.*



Sei que há pessoas que não gostam de cisnes, acham que eles personificam a arrogância e têm ares de superioridade. Posso compreender, essas aves eram símbolo das monarquias e estavam representadas em muitos daqueles brasões dourados na porta dos palácios. Mas os pobres animais não pediram para nascer bonitos nem para simbolizar coisa alguma. Encarnação da coragem do homem, pureza de estilo poético, magia do aprisionamento feminino, conciliação do bem e do mal... Mera cisma e contemplação

dos desastrosos seres humanos. Os cisnes são ótimos sujeitos, cuidam bem de seus filhotes até crescerem, vivem calmamente em bandos nos seus lagos e brejos catando plantas, sementes ou pequenos invertebrados das margens, e não fazem mal a ninguém. Só ficam agressivos na época da guarda dos ovos, quando são capazes de quebrar o braço de uma pessoa com uma simples bicada.

Por mim, tenho fascínio por essas aves desde criança quando assisti ao balé *O lago dos cisnes*. Não lembro se foi o Bolshoi, se foi no Rio... Teria sido no dia da inauguração de Brasília? Sei que jamais esqueci a miragem daquela bailarina que se transforma em cisne, e de cisne em mulher, parecendo depois voar sobre um lago imaginário, e a sua morte junto com a do enamorado príncipe, afogando-se ambos no lago formado pelas lágrimas da rainha mãe para fugirem ao plano malvado de um mago terrível, o barão Von Rothbart. Desde então tenho sonhos com cisnes, em que agoniada vejo-os falecendo num lago. Desenho cisnes, cisnes me dão bicadas, cisnes pousam em mim, ou eu sou um cisne que voa e flechada caio ao chão. Cisnes, cisnes. O que será que significam esses pesadelos? Talvez o sonho da morte do cisne seja o sonho da morte do sonho.

Este mês vou levar meu neto para conhecer Brasília. Quero mostrar-lhe as calandras, os ipês floridos, quem sabe um lobo-guará, o pôr-do-sol, a catedral. Planejamos um passeio de barco no Paranoá, e vamos ao lago do Itamaraty, olhar os cisnes. Espero encontrar a viúva em novas e felizes núpcias, e que todos os cisnes e sonhos estejam vivos.

// ANA MIRANDA ESCREVE QUINZENALMENTE NESTE ESPAÇO //

LANÇAMENTO

Zeca Baleiro cai na estrada

RENATA CALDAS
DA EQUIPE DO CORREIO

Zeca Baleiro está com bala na agulha para sair por aí lançando o disco *Baladas do asfalto & outros blues*, o quinto álbum de inéditas. As 13 faixas convidam para jogar o pé na estrada ou simplesmente servir como trilha pelas ruas da cidade. Músicas agitadas e canções calmi-nhas desenham retas e curvas do percurso sonoro. “A intenção é viajar, escutar o disco em movimento. Gosto de ouvir música quando viajo de carro, quando pego a estrada. Curti muito o resultado. Ouço com o maior prazer enquanto lavo louça”, diverte-se o músico maranhense, que se lançou na cena musical brasileira na década passada com sucessos como *Heavy metal do senhor*, *Kid vinil* e *Flor da pele*.

Mais comportado do que os anteriores *Por onde andar* *Stephen Fry?* (1997); *Vô imbolá* (1999); *Líricas* (2000) e *Pet shop mundo cão* (2002), *Baladas do asfalto & outros blues* imprime unidade sonora no trabalho. Uma das razões para essa coesão deve-se ao fato de que em todas as faixas Zeca Baleiro está acompanhado da mesma banda. Outra característica traça o perfil deste novo álbum. Pela primeira vez, o compositor não se envolveu diretamente na produção. O projeto nasceu das mãos do produtor Walter Costa, que sugeriu ao amigo Zeca a gravação de seis músicas. A idéia começou ser tocada adiante a partir de agosto do ano passado. “Topei porque seria uma forma diferente de fazer um traba-

lho, com outras pessoas dando o pontapé inicial. Depois interfe-ri. Não sei se saberia fazer a abordagem que eles fazem, mais rock FM, mais radiofônico. Walter Costa, que é engenheiro de som, viu que eu tinha muitos projetos de disco, mas pouco tempo. Ele propôs que eu fizesse uma demo de voz e violão e começasse a trabalhar sem compromisso. Gravei na minha casa e mandei para ele. Eles encontraram caminhos que eu jamais acharia sozinho”, conclui o cantor.

No disco, Baleiro revirou canções do fundo do baú, como *Cachorro doido* (composta há 15 anos, quando morava em São Luís) e tirou da manga composições recentes que não se encaixaram em discos anteriores, caso da faixa-título. “Um quatro foram feitas no processo final, quando sabia a direção que o disco tomaria. Todas as músicas têm meu dedinho”, afirma Baleiro. Já *Musak*, o público vem cantarolando há algum tempo (Estou aqui/ Vou do Chuí ao Oiapoque). Essa décima faixa integra o disco na voz de Baleiro depois de ganhar as rádios na versão da conterrânea Rita Ribeiro, que gravou a música no CD *Novo milennium*. Outra gravada anteriormente é *Flores no asfalto* (composta em parceria com Gerson da Conceição), pelo grupo maranhense Manu Bantu.

Criatividade

Mais convencional e menos ouvido, o novo trabalho traz consigo a autocobrança do músico em não ser repetitivo. “Chega um

Mara Fernandes/Divulgação



ZECA BALEIRO: PRÉVIA DO SHOW DE LANÇAMENTO DE *BALADAS DO ASFALTO* EM BRASÍLIA SERÁ NO DIA 27 DE SETEMBRO, EM POCKET-SHOW DE VOZ E VIOLÃO NA FNAC

momento em que o artista vai criando seus próprios clichês e nunca mais acha o viés da criatividade. É um medo que tenho e que acho que todo artista deveria ter. Nos meus discos, tento dar um sotaque diferente, não por mera vaidade, sim para trazer novos ares ao trabalho, para dar fôlego e ficar estimulado. É muito fácil burocratizar o processo. É fácil se acomodar em qualquer instância da vida”, conclui.

Portugal, onde Baleiro esteve no início de julho, foi o primeiro lugar a conhecer músicas de *Baladas do asfalto*. O cantor virá a Brasília no dia 27 de setembro para apresentação em formato voz e violão, na Fnac (ParkShopping). “Será um *pocket-show* para lançar o disco e demarcar território. Depois eu volto num show maior, *pra valer*”, promete Baleiro. A rotina de Zeca Baleiro é intensa. Mesmo fora de perío-

dos em que está trabalhando um disco específico, o cantor realiza média de cem shows por ano. Além de se preparar para turnês, o artista está envolvido na produção de outros dois discos que no final do mês inauguram seu selo Saravá discos. Um reúne cantores musicando poemas de Hilda Hilst, outro apresenta o que seria o quarto álbum do cantor e compositor capixaba Sérgio Sampaio, morto em 1994, que ele

próprio batizou de *Cruel*. Manda bala, Zeca!

BALADAS DO ASFALTO & OUTROS BLUES

Quinto CD de canções inéditas de Zeca Baleiro. Universal. Preço médio: R\$ 30.